

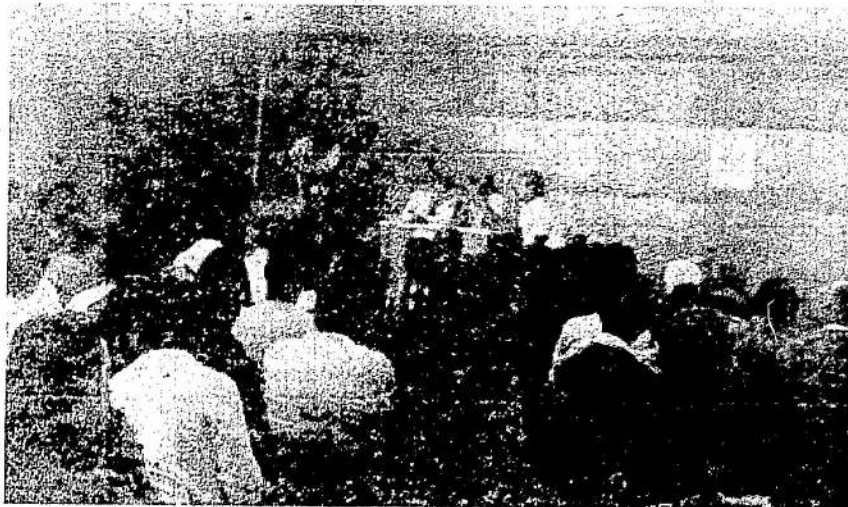
SETEMBRO - 1979

Melt despede 73 operários

Entre os demitidos estão quatro dos que denunciaram acidentes de trabalho na empresa. Página 4

METALÚRGICOS PODEM EXIGIR 80% OU MAIS

Os resultados da pesquisa que está sendo realizada nas fábricas, indicam que os metalúrgicos querem de 80 a 90% de aumento. Página 4

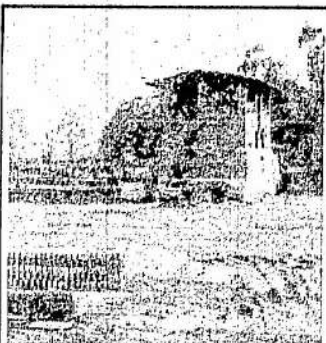


O REPÓRTER
de GUARULHOS
O jornal da cidade

ANO III — Nº 17

setembro de 1979

Cr\$ 2,00



Trabalhador na olaria vive como escravo

Trabalhando mais de doze horas por dia, inclusive nos domingos e feriados, os oleiros de Guarulhos vivem nas piores condições de vida possíveis. Com a ajuda de toda a família no serviço, até dos filhos pequenos, os trabalhadores ganham apenas 300 cruzeiros por semana e não têm nenhum tipo de assistência, nem direitos trabalhistas. Página 3.

Delfim demite o homem que o desmascarou

Uma das primeiras medidas de Delfim Neto, ao assumir a Secretaria do Planejamento, foi demitir o presidente do IBGE, Isaac Kerstenetsky.

Ele tinha denunciado, na CPI da Câmara dos Deputados, a manipulação dos índices de 1973. Além disso, suas pesquisas contribuíram para desmascarar o «milagre econômico» de Delfim. Página 2.



Gols e emoção no Torneio da Solidariedade

Começou dia 1º de setembro, com oito jogos, o torneio que reúne operários de várias fábricas de Guarulhos. Muitos gols, muito sol e muita cerveja marcarão a primeira rodada da competição que terá prosseguimento nos dias oito, quinze e 22 de setembro, quando se realizará a grande final e será conhecido o campeão. Última página.

Intervenção, prisões e literatura

As lutas sindicais, o movimento operário, a advocacia e a literatura compõem o perfil de João Carlos Marinho. Ele conta como foi a formação dos sindicatos, a intervenção em 64, as greves de 62 e sua experiência como advogado trabalhista. É o único escritor guarulhense conhecido em todo o país, com mais de 200 mil livros vendidos. Página 7.



Índice: mágica que rouba salários

Página 5

POLÍTICA

«Caciques» vencem convenção do MDB

A máquina eleitoral dos «caciques» da oposição em Guarulhos funcionou a todo vapor na Convenção Municipal do MDB, realizada no último dia 26, no prédio da Faculdade Farias Brito. A chapa 1, integrada pelo prefeito Néfi Tales, por Francisco Assis de Almeida e por quase todos os vereadores emedebistas, conseguiu mais de 80 por cento dos votos dos filiados ao partido e assumiu o total controle do Diretório Municipal.

Com esse resultado, os integrantes da Chapa 1 escolherão tranquilamente a nova Comissão Executiva Municipal e ainda indicarão todos os delegados à Convenção Regional do MDB de 14 de outubro. Já a Chapa 2, liderada pelo vereador Kan Kise, o único que não se uniu aos «caciques» emedebistas, conseguiu apenas 224 dos 1.235 votos da Convenção. Apesar de todo o trabalho de boca de urna, a Chapa 2 nada pôde fazer contra a máquina de Néfi Tales e Assis de Almeida.

O «voto de cabresto» dominou a convenção. Dezenas de carros percorreram os bairros de Guarulhos, à cata de filiados do MDB dispostos a votar na Chapa 1. Assis de Almeida, que permaneceu o tempo todo na Farias Brito, comandava a operação: recebia todo mundo com o famoso tapinha nas costas e fazia seus ajudantes acompanharem o pessoal até a boca da urna.

Apenas um incidente ocorreu na convenção. Gilmar L. Silva, da Chapa 2, acusou os fiscais da Chapa 1, na sala 22, de pressionarem os votantes. Segundo Gilmar, os fiscais afirmavam a todos que iam votar na sala 22, que «ali só se votava na Chapa 1». Após muito bate-boca, os integrantes da Chapa 2 desistiram do protesto.

O programa da Chapa 1 promete a manutenção da atual política administrativa do prefeito Néfi Tales, a criação de comissões de bairro para encaminhar as reivindicações da população à Prefeitura, debates periódicos entre os vereadores sobre os problemas da cidade e a instalação de um escritório para «atendimento social» aos guarulhenses.

Os dirigentes sindicais filiados ao MDB também participaram da Convenção. João Pedro, presidente do Sindicato dos Químicos, condenou a divisão no MDB de Guarulhos, enquanto que Arnaldo Paixão, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e integrante da Chapa 1, criticou as duas chapas e sua maior preocupação foi saber quantos metalúrgicos, da lista que trazia debaixo do braço apareceram para votar.

DECLARAÇÕES DO MINISTRO DELFIM NETO:
... PORQUE EU QUERO É ENCHER A PANELA DO TRABALHADOR...
TÁ LEGAL GORDUCHO! ENTÃO PULA DENTRO DO CALDEIRAÕ!



Os reajustes semestrais

A nova política salarial do governo, com os reajustes semestrais de salários, deverá entrar em vigor já a 1º de novembro deste ano. O fato de os trabalhadores passarem a ter dois aumentos por ano e não um como vinha ocorrendo até agora, significa o quê? Antes de mais nada, é preciso ressaltar que o projeto do Ministério do Trabalho foi muito bem recebido pelos patrões, com reservas pelos economistas e com desconfiança pelos trabalhadores. A política salarial que vai entrar em vigor, apesar de toda a badalação feita por políticos, técnicos do governo e outros defensores do Sistema, não atende às reais necessidades do trabalhador, porque o principal não era a alteração do prazo fixo de 12 meses para o reajuste salarial, mas sim o cálculo enganoso e fajuto do índice (veja matéria na página 5, sobre o índice).

Os reajustes semestrais, na verdade, vão apenas oficializar uma prática que os trabalhadores já tinham conquistado e que se chama antecipação salarial e que era concedida na metade do prazo, entre um dissídio e outro. Só que agora, ao invés das empresas, é o governo quem fixa o aumento a ser dado no meio do ano. E, da mesma forma que a antecipação, o aumento semestral não vai resolver os problemas do trabalhador, mas vai quebrar o galho das empresas. Em primeiro, a medida objetiva reduzir as pressões por salários mais justos que vinham sendo feitas pelos trabalhadores ficando clara a intenção de desarticular o movimento sindical. A medida também não terá, como andam propagandeando alguns, um efeito redistributivo, ou

seja de uma melhor distribuição da renda, porque o governo não criou nenhum mecanismo para impedir que as empresas repassem para seus produtos os aumentos de salários. Se a inflação era de 50% ao ano, agora passará a ser de 50% em seis meses, segundo o economista Dêrcio Garcia Munhoz, professor da Universidade de Brasília.

Outro aspecto importante foi apontado por Walter Barelli, diretor do DIEESE — Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. Segundo Barelli, só há uma novidade no projeto do governo: reconhece definitivamente a faixa de pobreza no Brasil. O governo admite que, para um trabalhador sobreviver precisa de, pelo menos, três dos atuais salários mínimos. Isso porque, colocou como cálculo para o maior reajuste exatamente três salários mínimos (Cr\$ 6.804,00). Além do mais, a fórmula dos aumentos continuará incorrendo no mesmo erro anterior, pois vai se basear no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (índice do custo de vida no País) que nunca foi um fator muito confiável. E a razão é muito simples: o preço da ração essencial (o mínimo que o trabalhador necessita para se manter de pé), é diferente nas várias capitais e cidades do país. E Barelli faz ainda uma advertência que precisa ser considerada pelos trabalhadores: «O movimento sindical — diz — tem que tomar cuidado para não ver anistiadas suas perdas anteriores. Ou seja, somente a produtividade nacional, de 1964 até hoje, cresceu 102%. São, portanto, 102% que se deixou de ganhar, que não foram incorporados ao salário».

A vingança de Delfim

Isaac Kerstenetsky, o professor que ajudou a desmascarar o «milagre econômico», denunciando a manipulação dos índices de 1973, é a primeira vítima de Delfim Neto. Ao assumir a Secretaria do Planejamento, uma das primeiras medidas de Delfim foi anunciar o afastamento do professor Kerstenetsky da presidência do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ele ocupava a presidência do IBGE desde 1970 e deu um dos principais depoimentos na CPI dos Salários, na Câmara dos Deputados, expondo dados que deixaram claro a manipulação dos índices e a perda real do salário dos trabalhadores, no período em que Delfim era o principal responsável pela política econômica brasileira.

Além disso, outro trabalho do IBGE, a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, apresentou com toda crueza os dados que comprovavam a concentração de renda no país, no tempo em que Delfim era o todo-poderoso ministro da Fazenda. A pesquisa mostrou que, no Rio de Janeiro, os 30% da população economicamente ativa (aquela que trabalha) e que ganhavam menos de um salário mínimo, tiveram sua participação na renda do Estado diminuída de 7,6 para 6%, entre os anos de 1970 e 1976. O fornecimento desses subsídios, que possibilitaram mostrar a farsa do «milagre econômico», deixou Delfim Neto muito irritado. E, agora ele se vinga afastando Kerstenetsky do IBGE.

Mas, o que o ministro certamente não conta é com a irritação dos trabalhadores. O roubo de 1973 não foi ainda reparado, sem contar tudo que os trabalhadores perderam no período em que ele comandou, sem contestação, a política econômica do país. Hoje é ele quem se vinga, mas um dia a vingança será dos trabalhadores que vão exigir tudo aquilo que lhes foi tirado. E os juros dessa cobrança vão ser altos.

O REPÓRTER de Guarulhos

Editora Cabuçu Ltda.
Rua Luiz Faccini, 597 — sala 32
CEP — 07000

Responsável: Névio R. Gomes

Impressão e Composição:
Diários Associados
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo

Trabalhadores das olarias não ganham nem para comer

É todo dia a mesma coisa. Retirar o barro do caminhão, amassar o barro na pipa, colocar o barro na forma, tirar o tijolo da forma e por para secar. Depois vem o gancho: colocar os tijolos no forno para cozinhar e tirar os tijolos já prontos para vender. Por fim, carregar o caminhão e descarregar no local da entrega.

Todo dia é a mesma coisa. Não tem domingo, não tem feriado, não tem descanso. O trabalho para somente quando chove ou quando o caminhão que traz o barro quebra. Mas aí também não tem pagamento, cerca de 60 cruzeiros por milheiro, por cada mil tijolos que cada trabalhador produz. Se não chove e se o caminhão não quebra, um oleiro pode ganhar até 300 cruzeiros por semana. Isso se o patrão paga.

TRABALHOU E NÃO RECEBEU

Dona Odete, dona de olaria no Jardim São João, não paga. Paga certo aos empregados apenas nos primeiros dias, depois «esquece». Quando o empregado reclama, diz que não tem dinheiro, que vai pagar mais tarde. E não paga! Não paga e ainda manda bater nos trabalhadores. Donizete Aparecido trabalhou um ano para dona Odete e não recebeu nada. Não quer por na Justiça porque tem medo de apanhar.

Existem dezenas de olarias em Guarulhos, e no Jardim São João, pelo menos umas dez. O dono das olarias ali é Otávio Barbosa, que arrenda todas elas a dona Odete, seu Raimundo, Tito, seu Sebastião e muitos outros. Todos dizem, porém, que tocar a olaria não dá compensação, não dá lucro. Seu Sebastião, que foi motorista de ônibus da EO Guarulhos por muitos anos disse que tocar uma olaria é muito trabalho para nada. Acrescentou que tem de pagar o caminhão do barro, a

lenha do forno, os empregados e o arrendamento a seu Otávio, mas que só consegue vender o milheiro a 550, 600 cruzeiros no máximo.

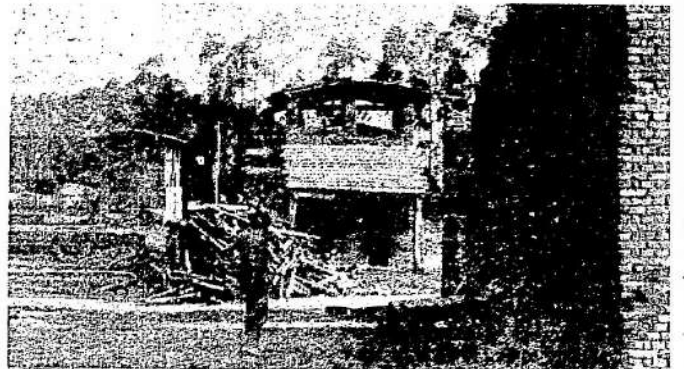
RECLAMAÇÕES

Contudo, os empregados não concordam muito com seu Sebastião e também têm suas reclamações. O que eles ganham não dá, nem para pagar o INPS, porque senão ficam sem dinheiro para comer. Qualquer desconto faz falta no fim do mês.

Como não pagam o INPS, os oleiros têm que ir ao Pronto Socorro Municipal quando ficam doentes. Mas agora o Pronto Socorro já não está atendendo mais os trabalhadores das olarias e manda todos para o INPS. Então o jeito é se tratar em casa mesmo. O pessoal pega muita gripe, e até pneumonia, porque fica junto do forno cozinhando os tijolos e depois tem de sair na friagem.

Além do mais, toda a família tem de trabalhar, a mulher, os filhos, todo mundo, senão o dinheiro não dá. Donizete Aparecido dos Santos de 17 anos, trabalha todo dia junto com a mãe e as irmãs, de sete e nove anos, também ajudam. Ele está esperando fazer os 18 anos para tirar a carteira de habilitação e trabalhar como motorista. Donizete garante que o patrão tem lucro: «Paga só 60 pra nós e vende a 600 o milheiro. Sempre está ganhando».

Outro que está esperando a carteira de motorista é o «Dito». Quando ele começou a trabalhar o patrão falou: «Vai largando o pau aí que depois você tira a sua carta». Trabalhou mais de quatro anos, direto, não tinha domingo, nem feriado, hora, nada. Quando resolveu ir embora o patrão não quis dar o dinheiro da carta como tinha prometido. O «Dito» colocou o caso na Justiça e está esperando, desempregado, uma solução.



Na olaria, o trabalho só para quando o barro acaba. Mas aí os trabalhadores ficam sem receber um tostão.

“Eu passo mais fome do que encho barriga”

Meu nome é Etevíno de Castro. Tenho 38 anos, e uns quebrados. Faltam 4 meses para chegar aos 39. Meu pai era de S. Paulo e eu sempre morei aqui em Guarulhos. Trabalho desde moleque, plantando feijão, arroz, milho, sempre ajudando o povo. Depois fui trabalhar em olaria, agora faço tijolo. De escola tive um ano, muito mal-e-má. Tive um ano na marra, porque eu era teimoso. Meu pai não deixava ir na escola, não dava tempo.

No dia 11 de agosto de 1959, sofri um acidente na pipa de amassar o barro. Quando eu fui limpar a pipa, o burro rodou depressa e prendeu meu braço direito, arrebentou o nervo. Fiquei aleijado da mão. Isso foi no GPM, na olaria de seu Guilherme de Morais. Ele me chamou no acordo e perguntou: «Você quer receber tudo de uma vez ou quer ficar na caixa?» Eu disse que queria tudo de uma vez, tinha 17 anos, era moleque, era trouxa. Aí, meu pai, bebe uma pinga daqui, bebe uma pinga dali, não comprou nada. Eu era moleque, era bobo, dei o dinheiro pro meu pai que acabou com tudo.

Dono de olaria paga uma mixaria. Aqui, no Jardim São João tem o Marcelo, seu Raimundo, o Tito, o que eles pagam não dá nem prá comer. É 25 cruzeiros prá amassar o barro, 25 prá bater e lançar, 10 pro gancho (enfornar e desenfornar os tijolos). Eu sou sozinho, não dá pra mãe. Eu trabalhando não dá. Eu passo mais fome do que encho barriga. O que ganha não dá nem pra pagar o INPS direito.

Eu sou empregado, eu sei quanto sofre o empregado, quanto ele sente para ganhar esse dinheiro. Os patrões não sentem nada, só querem saber é de ferrar os outros.

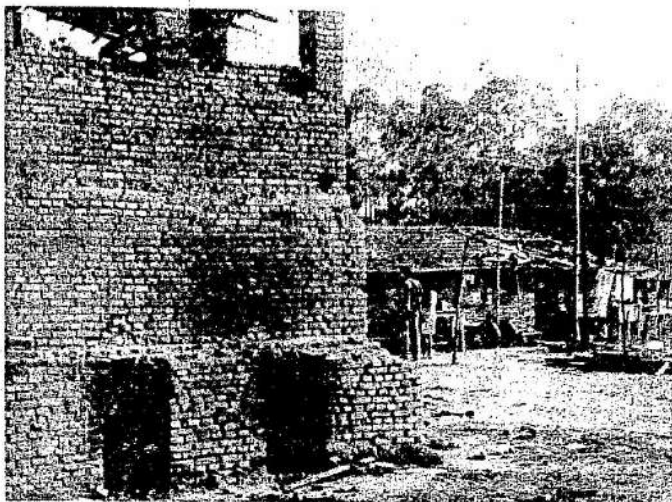
Os filhos deles podendo comer, os nossos podem morrer de fome.

Teve uma olaria onde eu trabalhei oito anos. Um dia eu pedi aumento pro patrão e ele disse que não dava e que se eu quisesse ir embora, que podia ir. Eu disse que ia embora mesmo, trabalhar em outro lugar, mas que só iria devolver a casa quando quisesse. E fui mesmo! Um dia eu cheguei em casa sujo de poeira e cansado e encontrei uma carta. A carta dizia: «Senhor Etevíno de Castro. Desocupar a casa no prazo de dez dias».

Sou casado, separado da mulher. Casei, não deu certo, larguei. Larguei sem tiro, sem faca, sem nada. Dá para viver dá, não dá vai prá lá que eu vou pra cá. Arrumei uma amiga, não deu certo larguei também. Vivo sozinho. Estou pronto para arrumar outra. Mulher pra mim é assim: dá pra viver, dá. Não dá, não tem tiro não tem faca, não tem nada. O mundo é tão grande que cabe todo mundo, não é certo?

Eu tenho uma filha, ela vai fazer seis anos no dia 23 de outubro. Eu tinha uma amiga, vivi, sete anos com ela. Agora ela está vivendo com outro cara aí, mas pra ela não tem revólver, não tem nada. Não tem nem bom dia e boa tarde, porque bom dia e boa tarde é pra estranho. Passo perto dela não falo nada. Somos vizinhos. O amigo dela toca uma olaria e eu trabalho na outra.

O gosto que eu fazia é de ser piloto, viajar, subir a pique, descer a pique. Apertar o botão e virar no céu. Se morrer também, não tem importância, sou sozinho. Se perder o botão e bater na terra, morro e calcino, não tenho fino, não tenho medo nem nada.



Nos fundos da olaria, a casa do trabalhador: com chão de terra batida e sem água e sem esgoto.

ISTO LHE INTERESSA

As restrições das leis que regulam os acordos

As principais categorias de trabalhadores de Guarulhos encontram-se em campanha salarial visando obter melhores salários e condições de trabalho. As condições de negociação com o patrão estão regulamentadas por toda uma legislação restritiva (CLT, Lei 4339, Lei 4725, etc.) que tenta impedir fundamentalmente o direito do trabalhador de conseguir aumentos superiores aos índices fixados pelo governo. Mas, acima de qualquer restrição legal, o sucesso ou não das reivindicações dos trabalhadores, dependerá de sua participação e capacidade de organização.

CONTRATO, ACORDO, DISSÍDIO

A legislação trabalhista dispõe que os reajustes salariais poderão ser realizados das seguintes formas:

Contrato coletivo de trabalho — denominado pela CLT de convenção coletiva do trabalho, é acordo feito entre os sindicatos de trabalhadores e dos patrões, estipulando as condições de trabalho que devem ser atendidos por empresas e trabalhadores.

Acordo coletivo — é a negociação direta feita entre o sindicato dos trabalhadores e a empresa relativa às condições de trabalho.

Dissídio coletivo — é a ação trabalhista realizada pelos sindicatos junto ao Tribunal Regional do Trabalho, quando não há acordo entre os sindicatos. Devido à legislação restritiva existente, os reajustes salariais pela via do dissídio coletivo limitam-se praticamente aos índices fixados pelo governo.

A DECISÃO DA CAMPANHA

Na prática, o contrato coletivo não vem sendo realizado. O que ocorre atualmente é que após a aprovação pela assembleia convocada pelo sindicato, do índice de aumento a ser solicitado e das demais cláusulas que constituem o elenco das reivindicações, a diretoria do sindicato e a comissão de salário reúnem-se com os patrões para negociação das reivindicações apresentadas.

Não havendo acordo inicial, a Delegacia Regional do Trabalho realizará uma mesa redonda entre as partes buscando um acordo. Se mesmo com a intervenção da DRT não houver acordo, deverá ser instaurado, no Poder Judiciário, o dissídio coletivo.

O atendimento às reivindicações dos trabalhadores será maior ou menor dependendo da pressão que os trabalhadores forem capazes de fazer sobre os empregadores, isto é, na medida em que os patrões sintam a categoria organizada e disposta a ir até a greve para conseguir pelo menos um acordo que atenda efetivamente às mínimas necessidades dos trabalhadores.

A luta vai começar. Entre na comissão.

Dia 14 deste mês, os metalúrgicos de Guarulhos, estarão reunidos novamente em assembleia. É a continuação da campanha salarial, iniciada no dia 24 do mês passado quando foi escolhida a Comissão de Salários, agora chamada Comissão de Mobilização. Logo depois dessa assembleia, a Comissão se reuniu e decidiu que continuaria aberta a novas adesões, para integrar trabalhadores do maior número de fábricas possível, tornando-a mais representativa e mais ampla. Na assembleia, foram indicados para a Comissão os demitidos da Melt, os delegados sindicais, além de todos aqueles que se propuseram a participar.

A Comissão, em seguida, se reuniu com as de São Paulo e Osasco iniciando-se o debate sobre suas funções. São Paulo decidiu que a Comissão seria de Mobilização e que a de Salários seria eleita nas assembleias setoriais que estão sendo realizadas antes da assembleia geral do dia 16. Uma nova reunião das três comi-

sões ficou marcada para o dia 10 de setembro.

EM DISCUSSÃO, O ÍNDICE

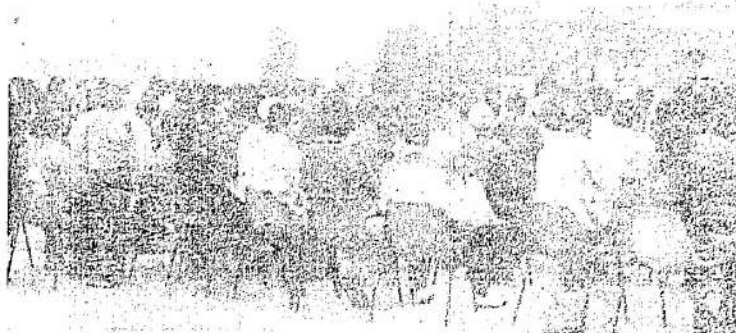
A questão agora é saber qual o aumento salarial que vai ser reivindicado. Há muita discussão em torno do assunto, mas até agora nada de concreto foi acertado. Os 32 sindicatos de São Paulo que decidiram unificar suas campanhas neste ano, tinham, em princípio, chegado a um acordo que lutariam por 50% sobre o salário de maio, mais 3 mil cruzeiros. Numa segunda avaliação, no entanto, chegou-se a uma outra proposta considerada mais realista que é de 50% para os que tiveram antecipação (o cálculo seria feito sobre o salário atual), e de 74% para os que não tiveram antecipação.

Mas, em Guarulhos a questão do índice ainda está aberta. A Comissão de Mobilização está fazendo uma pesquisa junto à categoria para conhecer melhor

suas necessidades e aspirações. O formulário contém a proposta da Unidade Sical (dos 32 sindicatos) e outra que foi enviada nas assembleias setoriais, que um aumento variando de 80 a 90 deixa espaço para novas propostas operárias. Até agora a tendência geral pelo aumento de 74 a 100%. Os operários ouviram argumentar que é preciso ir alto, porque na hora da negociação o patrão sempre rebate os índices.

OBJETIVO DE REIVINDICAÇÃO

Depois de definir o índice, os metalúrgicos passarão a lutar outros pontos importantes da campanha que compõem o elenco de reivindicações. Nos últimos dias e durante a campanha, as reivindicações não sendo imediatamente levantadas, que demonstra importância. Essas reivindicações frequentes são: estabilidade por Comissões de Fábrica e outros órgãos operários com a Comissão de Salários; estabilidade para a gestão adicional maior para horas extras



Cerca de 200 metalúrgicos compareceram à assembleia para eleger a Comissão de Salários.

Na Melt, denúncia de acidente dá demissão

A Melt Equipamentos Industriais S/A demitiu 73 trabalhadores. E, no meio deles, estavam operários que tinham denunciado os frequentes acidentes de trabalho que ocorrem na empresa. A denúncia foi feita numa assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos, nos dias 10 do mês passado e, uma semana depois, 4 deles estavam na rua. Na ocasião, o Sindicato prometeu fazer uma reunião com os patrões da Melt e, caso não fossem tomadas providências para melhorar as condições de trabalho na empresa, levar a denúncia ao Ministério do Trabalho. Mas, até agora a reunião não foi feita e os dirigentes do Sindicato dizem que não podem fazer nada no caso das demissões, porque não ficou caracterizada a represália, já que o número de demitidos é muito maior que o dos denunciadores. A empresa, neste caso, teria aproveitado um corte já programado para botar para fora os operários mais

conscientes que lutavam por melhores condições de trabalho. Mas, há casos que exigem uma análise mais cuidadosa já que, pelo menos, dois dos demitidos estavam voltando de uma licença médica.

RECORDE DE ACIDENTES

A Melt é uma das empresas recordistas em acidentes de trabalho. Ali acontece uma média de um acidente por dia e o número de mutilados entre seus empregados é grande. Muita gente perdeu dedos da mão e sofreu outros ferimentos graves. O problema é a falta total de segurança na empresa. Peças, às vezes enormes, se acumulam pelo chão da fábrica, além dos serviços pesados de caldearia e serralheria que os operários são obrigados a executar sem nenhuma segurança. A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes — CIPA — simplesmente não funciona na Melt.

Abrasive: mais 4 mil de aumento

Os químicos de Guarulhos estão uma vez em campanha salarial. Desta vez, são os trabalhadores do setor abrasivos, que têm o seu dissídio em diferente do resto da categoria porq Sindicato patronal é outro. O dissídeles é no mês de outubro.

Várias reuniões e assembleias foram realizadas, mas o comparecimento ainda é pequeno. É preciso que os trabalhadores do setor de abrasivos se mobilizem, participando ativamente da campanha e respondendo às convocações do Sindicato. A exemplo de outras categorias profissionais, o pessoal dos abrasivos também já decidiu que este ano não aceitará só o índice oficial de aumento. Além do índice do governo, vai se lutar por mais 4 mil cruzeiros fixos, na tentativa de repor parte do poder aquisitivo do salário. Outros pontos do elenco de reivindicações são os seguintes:

- Piso salarial de 30 cruzeiros hora, para o salário inicial;
- garantia de emprego;
- delegado sindical.

Trabalhador: compareça às assembleias de seu Sindicato. De sua participação depende o sucesso das campanhas salariais.

Car. ção.

essidades e aspirações. O formulário em a proposta da Unidade Sindical (22 sindicatos), outra que foi sugerida em assembleias setoriais, que é de aumento variando de 80 a 90% e espaço para novas propostas dos sindicatos. Até agora, a tendência geral é de aumento de 80 a 90%. Os operários argumentam que é preciso pedir que na hora da negociação os empregadores reduzam os índices.

ENCENANDO REIVINDICAÇÕES

Quando definido o índice, os metalúrgicos passarão a debater outros pontos da campanha que compõem as reivindicações. Nos últimos dois Congressos da categoria algumas reivindicações têm sido insistente-mente exigidas, o que demonstra a sua importância. Essas reivindicações mais importantes são: estabilidade para as famílias de fábrica e outros organizados; salários como as Comissões de Empresa para a gestante e estabilidade para as horas extras.

Abrasiveiros:

mais 4 mil
de aumento

Os metalúrgicos de Guarulhos estão mais uma vez em campanha salarial. Desta vez os trabalhadores do setor de abrasivos que têm o seu dissídio em data de 1º de outubro e o resto da categoria porque o dissídio patronal é outro. O dissídio patronal é outro. O dissídio patronal é outro.

reuniões e assembleias já realizadas, mas o comparecimento baixo. É preciso que os trabalhadores do setor de abrasivos se mobilizem participando ativamente da campanha solicitando às convocações de suas reuniões. A exemplo de outras categorias, o pessoal dos abrasivos decidiu que este ano não vai aceitar o índice oficial de aumento. O índice do governo, vai se lutar por 4 mil cruzeiros fixos, numa tentativa de repor parte do poder aquisitivo. Outros pontos do elenco de reivindicações são os seguintes: aumento salarial de 30 cruzeiros por mês sobre o salário inicial; estabilidade de emprego; direito sindical.

trabalhador: compareça às reuniões de seu Sindicato. É sua participação que garante o sucesso das campanhas salariais.



A mágica desse índice oficial

Como são calculados os índices oficiais dos aumentos de salários? Tai uma boa pergunta que nem o governo sabe, ou não quer responder. A história complicada, e cheia de armadilhas dessa política salarial, começou logo depois de 1964, com o governo Castelo Branco. Pela lei 4.725, foi instituída uma fórmula para calcular os reajustes anuais de salários que acabou contribuindo para o achatamento salarial, pois não levava em conta a taxa real da inflação e os crescentes aumentos de produtividade. Veio então nova fórmula, em 1974, apresentada por Mario Henrique Simonsen e que continua vigorando até hoje. Mas, as coisas não melhoraram. O que o ex-ministro fez, foi apenas tornar mais sofisticado o cálculo dos salários, possibilitando maior manipulação de dados e mais exploração do trabalhador.

MANDRAKE FICOU COM INVEJA

Prepare-se agora para levar um susto. Vamos dar a receita do governo para o cálculo do reajuste salarial. Uma fórmula de dar água na boca até do Mandrake (lembram-se do mágico das histórias em quadrinhos? Pois é, nem ele faria melhor). Os índices são calculados da seguinte forma: pega-se o salário real, médio dos últimos doze meses, que é multiplicado pela metade do resíduo inflacionário previsto para o ano seguinte; pela taxa de produtividade (fixada arbitrariamente pelo governo) e por um coeficiente igual a subestimativa da outra metade do resíduo inflacionário.

É isso aí. Entendeu? Não? Nem eu. Mas, não se preocupe porque ninguém entende. É uma fórmula mágica que não foi feita para ser entendida, mas para ser usada contra o trabalhador. Ninguém nunca soube também onde o governo colhe os dados sobre o custo de vida. A Fundação Getúlio Vargas chegou a fornecer esses dados para o cálculo, mas eles se revelaram tão furados quanto os do governo, porque eram obtidos em super-

mercados da Zona Sul do Rio de Janeiro (região de gente fina), onde os preços são tabelados e onde o trabalhador, evidentemente, não compra. A população trabalhadora que mora nos bairros afastados, costuma fazer suas compras nas feiras livres e nos armazéns. Além do mais o índice do custo de vida no Rio de Janeiro pode ser muito diferente dos índices de São Paulo, Guarulhos, Belo Horizonte, etc.

SALÁRIO SEMPRE ATRÁS DOS PREÇOS

O trabalho, ou melhor, a força de trabalho também é uma mercadoria. Por isso, o preço do trabalho, que é o salário, deveria ser aumentado todas as vezes em que as outras mercadorias sobem. Quando a gasolina ou o óleo diesel sobem de preço, imediatamente a abobrinha ou o xuru sobem na mesma proporção. E, assim acontece com o resto das outras mercadorias sejam elas produtos alimentícios, roupas, calçados, eletrodomésticos, carros, etc. naquilo que os economistas chamam de «solidariedade geral dos preços». Essa solidariedade só não funciona com os salários quando o salário sobe, todos os preços sobem; quando os preços sobem, o salário fica na mesma. Ora se as empresas têm o direito de repassar para seus produtos qualquer aumento verificado em outras áreas, por que o mesmo não acontecer com o salário do trabalhador? Os mágicos do governo vão responder que é impossível um reajuste individual (trabalhador por trabalhador) e em prazos tão curtos. Então o que deve ser questionado é o método oficial, onde o grande juro não é o prazo de doze meses, mas o cálculo manipulado do índice. Os aumentos têm que ser baseados na alta real do custo de vida, pesquisado nos armazéns da periferia como faz o DIEESE e na real taxa de produtividade divulgada amplamente e discutida por todos os interessados, que são os trabalhadores.

J. C. MARINHO

Advocacia

João Carlos Marinho

Oriundo Cruz Leite

Consultas trabalhistas
gratuitas

Rua Capitão Gabriel, 133 — 1º andar — salas 1 a 3 — Fone: 209-1868
Horário: das 9 às 11,30 horas e das 16,00 às 20,30 horas

Aos sábados atendemos no mesmo horário



MADEIRAS LEO LTDA.

especialidades

Madeiras Compensadas, Serradas, Aglomerados Portas, Fôrma, Eucatex, Duraploc, Duratex Tábuas de Pinho, Formas para Concreto, Chapas Navais

FERRAGENS

SÃO PAULO

Rua do Gazômetro, n° 265 — Brás

PBX 229-4822

ANÚNCIOS POPULARES

INSTITUTO CLÍNICO RADIOLÓGICO DE GUARULHOS — Cartelas de Saúde, Abregrafia para fábricas, escolas, clubes, Detran etc. Chapas (Radiologia) em geral. Atendimento imediato. Entregas no mesmo dia. Rua Luiz da Gama, 141 — Centro — Guarulhos

O REI DOS PINTOS — Rações, alimentos para pássaros, sementes, vasos, gaiolas, adubos e produtos veterinários. Grande variedade de mudas de plantas. Os melhores preços da praça. Avenida Monteiro Lobato, 209 — Guarulhos — Centro. Fone: 208-5410.

SAPATARIA MOTTA — O rei dos tamanco. Vendemos também sandálias, chinélos, sapatões, botas, bolsas. Fazemos consertos em geral. Aceitamos encomendas. Rua Cerqueira César, 27 (quase esquina com Rua D. Pedro II), Guarulhos.

REFRIGERAÇÃO TABOÃO — Oficina especializada em conserto de geladeiras domésticas. Enrolamento de motores. Atendimento domiciliar. Garantia de assistência técnica. Rua B, n° 6, Jardim Kawamoto — Taboão — Guarulhos.

INFORME PUBLICITÁRIO

OLIMPIADAS COLEGIAIS

Conselheiro Crispiniano mais uma vez campeão

O Colégio Conselheiro Crispiniano sagrou-se mais uma vez campeão das Olimpíadas Colegiais, levando em definitivo o seu segundo troféu «Guaru», por ter vencido os jogos em cinco anos alternadamente. O primeiro foi conseguido em 1974, com um tricampeonato. Um dos colégios mais antigos de Guarulhos, o trabalho esportivo no IECC, como é conhecido, foi iniciado há longo tempo, trazendo excelentes resultados como prova o fato de ter conseguido em nove disputas nada menos que oito campeonatos.

As IX Olimpíadas Colegiais reuniu mais de três mil atletas na disputa das modalidades de Atletismo, Judô, Xadrez, Tênis de Mesa, Futebol de Salão, Handebol, Voleibol e Ciclismo em oito dias de competição direta. O desfile de abertura, realizado no Estádio Arnaldo José Celeste foi assistido por cinco mil pessoas que se organizaram em torcidas uniformizadas com bandeiras, numa verdadeira festa da juventude. Na oportunidade, o prefeito Néfi Tales destacou a importância do acontecimento, não só pela competição sódica que os estudantes desenvolvem, mas principalmente pelo respeito às regras pré-definidas e claras do esporte.

MÔNICA, RAINHA DAS OLIMPIADAS

A bonita estudante do Colégio Conselheiro Crispiniano, Mônica Cardoso, foi eleita Rainha das IX Olimpíadas Colegiais, ficando o segundo e terceiro lugares para Carina Fernandes, do EEPG D. Paulo Rolim Loureiro, e Vilma Lima, do EESG Érico Veríssimo, respectivamente. A melhor apresentação no desfile foi do Colégio Homero Rubens de Sá, cabendo o segundo ao Colégio Francisco Antunes, do Parque Cecap, e o terceiro ao Sesi 398. No item fanfarras a primeira colocação foi para o Colégio Francisco Antunes e a segunda para o Sesi 398.

Uma das festas mais importantes do calendário esportivo guarulhense, as Olimpíadas Colegiais foram instituídas em 1971, atendendo a indicação do então vereador Néfi Tales. Daquele ano em diante, cresceu surpreendentemente a participação de colégios nas várias modalidades em que são disputadas as Olimpíadas, fato que contribuiu decisivamente para a formação do município como comunidade.

A criação das Olimpíadas foi o embrião de um trabalho no setor esportivo do município,

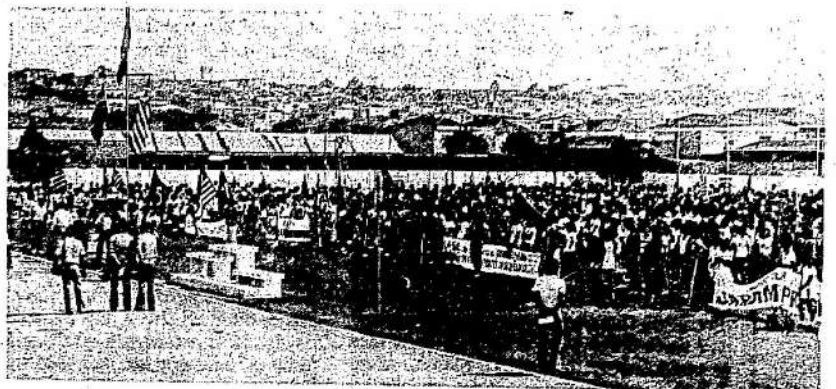


que veio se consolidar com a criação da Comissão Municipal de Esportes — CME. Nela, foram revelados vários atletas de expressão nacional, como é o caso de Wilson dos Santos, Maria Inês Simões, Marli dos Santos, recordista sul-americana do Arremesso do Dardo e integrante da seleção paulista de handebol, que saíram da equipe guarulhense. Atualmente cerca de 30 técnicos da CME acompanham e organizam estes Jogos em Guarulhos, tirando deste trabalho de observação os atletas que apresentam potencial para um trabalho mais profundo, sendo que o ciclo se encerra com o treinamento e alimentação adequados proporcionados aos atletas.

A classificação final foi a seguinte: primeiro lugar; Colé-

gio Conselheiro Crispiniano, com 144 pontos; segundo: Colégio Homero Rubens de Sá, com 116 pontos; terceiro: Colégio D. Paulo Rolim Loureiro, com 72 pontos; quarto: Sesi 398, 67 pontos, e quinto lugar, Senai, com 65 pontos. Por modalidades, esta foi a classificação final: Futebol de Salão: Campeão: EEPG Roberto Alves dos Santos; vice-campeão: Senai. Futebol de Campo: Campeão: Senai; vice-campeão: EEPG Ary Gomes. Handebol Feminino: Campeão: EEPG Conselheiro Crispiniano; Vice-campeão: EEPG D. Paulo Rolim Loureiro. Voleibol Feminino: Campeão — Sesi 398; vice-campeão: EEPG Conselheiro Crispiniano. Voleibol Masculino: Campeão — EEPG Sesi 398; vice-campeão: Homero Rubens de Sá. Basquetebol Feminino:

Campeão — EEPG Brasília Castanho Oliveira, vice-campeão — Homero Rubens de Sá. Basquetebol Masculino: Campeão — Conselheiro Crispiniano; vice-campeão — Homero Rubens de Sá. Atletismo Feminino: Campeão: Anita Saraceni, vice-campeão: D. Paulo Rolim Loureiro. Atletismo Masculino: Campeão — Homero Rubens de Sá; vice-campeão — Senai. Ciclismo: Campeão — Homero Rubens de Sá; vice-campeão — Sesi 398. Judô: Campeão — I. E. «9 de Julho»; vice-campeão: Conselheiro Crispiniano. Tênis de Mesa Feminino: Campeão — Conselheiro Crispiniano; Vice-campeão — 9 de Julho. Tênis de Mesa Masculino: Campeão — Paulo Nogueira, vice — Senai. Xadrez: Campeão Conselheiro Crispiniano; vice- Érico Veríssimo.



O escritor J.C. Marinho fala da luta dos trabalhadores de Guarulhos e de seus livros.

Gênio do Crime é de Guarulhos

Recentemente a Livraria Informática pediu a quatro especialistas em literatura infanto-juvenil que apontassem os melhores escritores do gênero. Das quatro relações, João Carlos Marinho aparece em três, sendo que numa delas com dois livros. Esse carioca, boa praça, 45 anos, é mais conhecido em Guarulhos como um competente advogado trabalhista. Filho de família abastada, estudou na Suíça, depois no Largo de São Francisco e optou pelo direito do trabalho em plena época das lutas nacionalistas.

COMO É QUE VOCÊ VEIO PARAR EM GUARULHOS?

Em 61, abri um escritório junto com uns colegas estu-



«Mudei para cá em 62 e participei de todas as lutas sindicais daquela época».

dantes de advocacia. Pedro Dada tinha uns sindicatos aqui. Então ele me disse: «Oh João, vai fazer uma audiência pra mim em Guarulhos». Até 61 eu não

sabia o que era Guarulhos e nem onde ficava. Nessa época estavam surgindo os sindicatos. Surgiu o do Papel e Papelão, dos químicos, dos tecelões, comerciantes, e eu então fui sendo contratado para trabalhar neles; para mim era um bom negócio, porque eu estava para casar com a Marisa e não tinha como me sustentar. Casei e mudei para cá em 62, e participei de todas as lutas sindicais daquela época.

COMO ERA O MOVIMENTO OPERÁRIO EM GUARULHOS ANTES DE 64?

Eu não sei por quê, mas nunca teve a importância de São Bernardo e Osasco, mas chegou a ser significativo. Houve várias greves, muitos entendimeitos; era uma turma muito arrojada, mas equilibrada. Acho que naquele tempo houve menos greves que hoje, mas havia muita movimentação sindical.

E A GREVE DO 13º? NÃO FOI GERAL?

Em 62, essa greve atingiu uma boa parte, mas, não chegou a fechar todas as firmas, embora não houvesse uma perseguição especial.

E EM 64?

Bem, quando chegou em 64, dissolveram-se as diretorias, foram nomeados interventores e foi decretada a prisão preventiva de 15 líderes sindicais pelo promotor Aírton Durval. Por parte das empresas de Guarulhos não havia nenhuma intenção de denunciar esses líderes. Tanto que no próprio processo militar, onde eu tive a oportunidade



«Não havia tortura. Não tinha ainda a OBAN e o DOI-CODI. Isso veio depois».

de defendê-los, vários chefes de pessoal foram depor a favor desses líderes, e todas as juntas deram atestados de bons antecedentes, com exceção da Pfizer.

Teve um caso até gozoso. É que foi preso um sujeito que tinha chegado na véspera de 31 de março, do norte; o sujeito não sabia nada de São Paulo nem de política. Ele veio se hospedar na casa do irmão, que era zelador do sindicato, e teve prisão preventiva decretada. Só saiu quando foi absolvido.

ELES CHEGARAM A FICAR MUITO TEMPO PRESOS?

Não, eles ficaram presos só durante o inquérito que o

Dr. Pascoal Manteca realizou em Guarulhos; foi uma coisa assim de um mês e meio, depois foram soltos. Daí o Dr. Manteca mandou o inquérito para a Justiça Militar e o promotor Durval nem leu; assinou assim: «prisão preventiva». Pra você ver como era o clima, todo mundo continuou trabalhando. Não tinha acontecido ainda a OBAN, depois o DOI-CODI. Não havia tortura. Ainda não tinha chegado a época de tortura. Essa foi depois.

O QUE MUDOU NOS SINDICATOS COM A INTERVENÇÃO?

Com a intervenção, eu fui afastado imediatamente. Mas os interventores não tomaram atitudes policiais de perseguição. O Joaquim de Andrade, por exemplo, interventor do Sindicato dos Metalúrgicos, chegou para mim muito simpático e me disse que não dava mais, que lhe deram ordem de contratar outro advogado. Inclusive foi o Joaquim quem formou esse núcleo de dirigentes sindicais que existe hoje; o Vicente, e essa turma toda.

FOI AÍ QUE VOCÊ MONTOU O SEU ESCRITÓRIO?

Não. Desde 62 eu tinha o meu escritório, onde estou até hoje. E uma coisa me deixou muito emocionado: quando eu fui afastado dos sindicatos eu devia ter cerca de 300 processos em andamento. Pois todas as pessoas vieram me procurar, dizendo que iam continuar comigo, mesmo pagando honorários. E isso foi um ato de confiança

coletiva que eu realmente nunca vou esquecer.

E COMO É QUE VOCÊ SE TORNOU ESCRITOR?

Eu sou escritor desde criança. Eu escrevia livrinhos naqueles cadernos de espiral e na Suíça escrevi duas peças de teatro. Mas



«Escrevi dois livros para adultos, mas sou conhecido como autor infanto-juvenil».

sou tido marcadamente como escritor infanto-juvenil, pois os livros que tiveram sucessos foram esses: O Gênio do Crime (que está na 15ª edição) e O Caneco de Prata (na 5ª ed.) que são conhecidos em todo o Brasil. Meus livros não juvenis (Pedro Soldador, Professor Albuquerque e a Vida Eterna) quase não tiveram repercussão.

... E CONTINUAM AS CONTRADIÇÕES NO PAÍS DO SUPER-FOME:

GARÇON!
TRÁZ AÍ UM FILÉ-A-CAVALO-
COM-FRITAS-ERVILHAS-
CENOURAS-TOMATE-
E-SAIS MINERAIS!



OI XARÁ!
TEM PÃO
VELHO?



CARMO

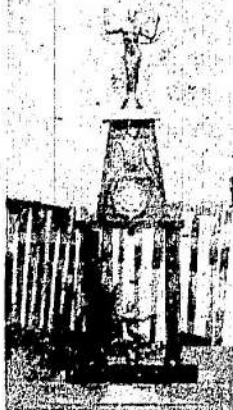
Futebol de classe. É o jogo dos operários.

Um futebol de alto nível técnico, disputas acirradas e jogos nervosos, marcaram a primeira rodada do Torneio da Solidariedade. Dezesesseis equipes estiveram em campo, movimentando um total de 240 atletas, além de centenas de torcedores que deram um colorido especial à disputa. Os onze gols marcados não refletem toda a emoção das partidas que se caracterizaram pela garra e pela vontade de vencer. O jogo mais dramático foi, sem dúvida, o da Melt contra a Belzer e o gol mais bonito foi da Barber Greene. Frangão e Roberto foram os organizadores deste torneio que, mais uma vez, une os operários de Guarulhos.



Embora perdendo o primeiro jogo, o time da Cindumel mostrou muita raça e disciplina.

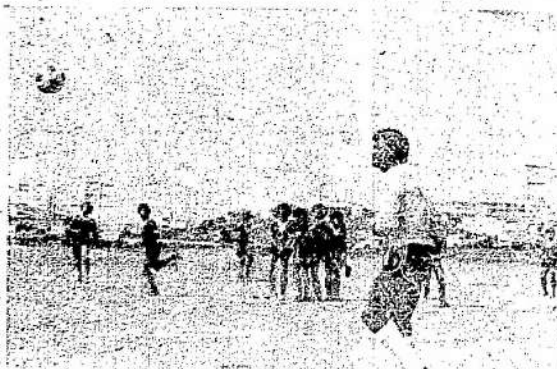
Ao final da primeira rodada, a classificação das equipes passou a ser a seguinte: No Grupo I, os times principais da Barber Greene e Melt lideram com dois pontos ganhos. Os segundos da Belzer e Barber Greene também têm dois pontos cada. No Grupo II, Fracalanza, com dois pontos, é acompanhada de perto pela Iderol e Forest, com um ponto cada. Entre os segundos, Iderol lidera com dois pontos, enquanto Fracalanza e Cindumel têm um ponto ganho. A única equipe que não somou pontos até agora foi a Oposição Sindical, as demais estão todas no páreo.



Ao campeão, este troféu.



Lances de perigo marcaram o jogo da Iderol contra a Forest.



A Barber Greene marcou o gol mais bonito da rodada, quando perdia de 1 a 0, virando o jogo.

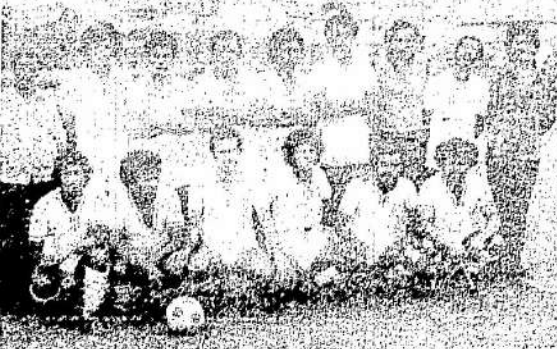
O REPÓRTER

esportivo

ANO III - Nº 17

setembro de 1979

Cr\$ 2,00



O time da Melt pista como um dos finalistas...



... após vencer o excelente quadro da Belzer.



A Fracalanza é séria candidata ao primeiro lugar.

COLUNÃO

Quem ganhou e quem perdeu na 1ª rodada

O jogo de abertura do 1º Torneio da Solidariedade foi entre as equipes da Barber Greene e da Oposição Sindical. A partida foi animada e a equipe da Barber Greene não teve dificuldades em vencer a fraca e inexperiente equipe da Oposição: 3 a 1 no segundo e 3 a 0 no primeiro. Pela Barber Greene jogaram e venceram: Mauro, Carlito, Dagoberto, Paulo, Nivaldo, Heleno, Cicero, Ramos, Alcides, Freitas, Araújo, Roberto, Celso, Miguel no segundo quadro. No primeiro jogaram: José, Jorge, Ademir, Adolfo, Manoel, Cleovaldo, Castro, Roberto, Raimundo, Iedoro, Silas, Virgílio, Jonas e Benedito. Pela Oposição jogaram: Orlando, Manoel, Erandir, Alcides, Pedro, Dalvino, Valdemir, Osório, Luis, Rodrigues e Expedito, no segundo quadro. No primeiro jogaram e perderam: Givaldo, Artur, Ivan, Manoel, Cassio, Natereu, Zildenei, Carlos, Luciano, Wagner e Batista.

As equipes da MELT e BELZER fizeram o segundo jogo do torneio. Belzer venceu a preliminar e Melt o jogo principal, ambos por 1 a 0. A Belzer colocou em campo os seguintes atletas: Coelho, Zachi, Gilberto, Cristóvão, Expedito, Antonio, José, Aparecido, Santiago, Gildasio, Ednem, Nicodemo, no segundo quadro. No primeiro jogaram: Dorival, Ademir, Dionísio, Iranil, Messias, Haroldo, Jusnel, Abelardo, Joel, Geneci, Oliveira, Silva, Sérgio, Janeliro e Chico. O segundo quadro da Melt jogou com: Antonio Carlos, Eufrásio, Faria, Jorge, Mateus, Santana, Assis, Miranda, Ademir, Albec, Florisvaldo, Benedito, Eduardo, Rivaldo, Anselmo e Souza. O primeiro alinhou com: Roberto, Teixeira, Carvalho, Rogério, Simal, Natalino, Claudinei, Frangão, Morais, Wilson, Wagner, Isaac e Marciano.

O terceiro jogo da primeira rodada foi entre as equipes da IDEROL e FOREST, com vitória por 1 a 0 da Iderol, no segundo, e empate sem abertura de contagem. Pela Iderol estiveram em campo: Dêlcio, Clóvis, Geraldo, Moura, Marcos, Roberto, Penha, Walter, Maricélio, Celso, Antonio, Preti e Milton na preliminar. E mais: Donizetti, Manoelito, Gonçalves, Luis Carlos, Edson, Rodolfo, Zé Aparecido, Zé Antonio, Francisco, Teles, Samir, Guimarães, Ademir e Adão que jogaram no primeiro quadro. Pela equipe da Forest participaram: Luis Carlos, Itaque, Nelson, Edson, Eduardo, Claudio, Gilson, Marcos, Walter, Gerardino, Paulo, Eudes, Elzeiro, Ivanildo, Ademar, Silvério e Manoel. O primeiro quadro formou com: Geraldo, Lustosa, Ademir, Givásio, Bernardo, Jamir, Zeltão, Zé Luis, João II, Evaristo, Neneça e Carlos, no cascudão, enquanto pelo time principal jogaram: Djalma, Wande, Edson, Careca, Cordeiro, Petróleo, Erivaldo, Villa II, Galego, Baizinho, Villa I, Amauri, Rubão, Neguinho e Aldo. Pela Cindumel jogaram: Flávio, Walter, Dedê, Lourenço, Orlando, Odair, Mário, Jorge, Luis, Zé Ireno, Wagner, Waltinho, Jacy, Maloca e Carlos.

Belo jogo foi o que realizaram as equipes da Fracalanza e da Cindumel. Na preliminar os times empataram sem abertura de contagem. No jogo principal, refletindo uma ligeira superioridade, a Fracalanza venceu por 1 a 0. Jogaram pela Fracalanza: Dirceu, Baiano, Fuscão, João, Zé Carlos, Fausto, Ernandes, Jamir, Zeltão, Zé Luis, João II, Evaristo, Neneça e Carlos, no cascudão, enquanto pelo time principal jogaram: Djalma, Wande, Edson, Careca, Cordeiro, Petróleo, Erivaldo, Villa II, Galego, Baizinho, Villa I, Amauri, Rubão, Neguinho e Aldo. Pela Cindumel jogaram: Flávio, Walter, Dedê, Lourenço, Orlando, Odair, Mário, Jorge, Luis, Zé Ireno, Wagner, Waltinho, Jacy, Maloca e Carlos.